

Gênero e trabalho doméstico: mudanças para manter as mulheres no mesmo lugar?

JORGETÂNIA DA SILVA FERREIRA*

O estudo analisa experiências de mulheres que têm o trabalho doméstico como atividade principal. Partiu do conceito de experiência, conforme apresentado por Edward Palmer Thompson (1981) e da necessária relação entre princípios teóricos e prática social. No desenvolver da pesquisa e após seu término, foram importantes as reflexões produzidas pelas intelectuais feministas, a produção de movimentos de mulheres e os estudos de gênero. O trabalho foi realizado tendo como fonte principal o relato de mulheres trabalhadoras domésticas e donas-de-casa, moradoras do Triângulo Mineiro-MG, buscando acompanhar transformações e permanências no trabalho doméstico.

O trabalho doméstico é um tema incômodo porque escancara a desigualdade social e de gênero. A bibliografia sobre o tema, notadamente a dos anos 70, apontava a perspectiva de superação do trabalho doméstico individual por alternativas estatais: lavanderias, restaurantes, creches, escolas. O cuidado deveria ser uma atribuição do Estado e do coletivo e não das unidades familiares. Essa perspectiva apontava o sentido contrário da nova face do capitalismo das últimas décadas do século passado e o trabalho doméstico continuou, em grande medida, no domicílio.

Com a não superação do trabalho doméstico na esfera privada, ausência de políticas públicas que deem suporte ao cuidado e com a concentração do trabalho doméstico nas mãos das mulheres, a solução encontrada pelas classes médias e altas, é o emprego de mulheres como trabalhadoras domésticas. Isso faz com que o emprego doméstico mantenha-se como um dos principais campos de emprego, sendo atualmente a maior ocupação das mulheres no Brasil.

Estudos apontam que a maior presença do trabalho doméstico se relaciona diretamente com a questão da des(igualdade) social. Quanto maior a distância entre pobres e ricos, maior a possibilidade de contratar serviços domésticos de terceiros. Em

* Professora do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia. Doutora em História Social pela PUC-SP.



países ricos, como os EUA, o crescimento do emprego doméstico tem ocorrido nos últimos anos, exatamente nas áreas em que a desigualdade é maior.

Altas taxas de serviços domésticos são comuns em economias periféricas com grande grau de desigualdade, como nos países de terceiro mundo. Na Suécia, um dos países com menor desigualdade, o sendo de 1990 registrou duas (número absoluto) trabalhadoras domésticas. (...)

O aumento do número dos empregos domésticos coincidiu com o crescimento do número de mulheres da elite exercendo profissões liberais e administrativas, as quais retêm maiores possibilidades para comprar o trabalho doméstico de outras mulheres. (BRITES, 2007)

No Brasil o emprego doméstico vem de longa tradição, desde o período colonial, com mão de obra africana escravizada. No século XX permaneceu como importante campo de emprego de mulheres, marcado por grande informalidade. A Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) excluía as trabalhadoras domésticas do rol de sua proteção. Somente a partir de 1972 com a lei nº 5.859 (11/12/1972), as trabalhadoras domésticas passaram a ter sua profissão reconhecida pela legislação, conquistando o direito a férias de 20 dias, carteira assinada e previdência social. Com a Constituição Federal de 1988 houve uma ampliação dos direitos das trabalhadoras domésticas, que assegurou: salário mínimo; irredutibilidade de salário; décimo terceiro; repouso semanal remunerado, preferencialmente aos domingos; férias anuais, acrescidas de 1/3; licença à gestante; licença paternidade; aviso prévio proporcional ao tempo de serviço; e aposentadoria. As trabalhadoras domésticas mantêm, por meio de seus sindicatos, associações e a Federação Nacional de Trabalhadores Domésticos a luta por FGTS seguro-desemprego como direito, jornada de trabalho, seguro em casos de acidente de trabalho, bem como outros direitos e benefícios.

Em 2013, depois de anos de muita polêmica foi aprovada a PEC das Domésticas, com vista a equiparar os direitos das trabalhadoras domésticas. Novamente houve um alvoroço amplamente divulgado pela mídia sobre os prejuízos que a nova lei traria, tanto para as famílias empregadoras quanto para as trabalhadoras domésticas que poderiam perder seus empregos. Essa discussão é a mesma que toda proposta de ampliação de direitos provoca no Brasil desde a chamada “abolição” e toda regulamentação de direitos das domésticas.

* Professora do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia. Doutora em História Social pela PUC-SP.

Buscando contribuir com esse debate o Inep elaborou uma nota técnica em 2012 e constata:

Inicialmente cabe destacar que houve um aumento no número de unidades de consumo que contrataram trabalhadoras domésticas entre os anos de 2002/2003 e 2008/2009, quando foram realizadas as duas últimas POFs¹⁹. No começo da série, cerca de 18% das unidades de consumo contratavam trabalho doméstico, valor que sobe para 19,3% nos anos seguintes. Esta é mais uma informação que contraria a tese difundida recentemente de que o trabalho doméstico estaria acabando e de que haveria uma queda na oferta deste serviço, evidenciada pela maior dificuldade em encontrar uma trabalhadora disponível para o trabalho. Mais interessante, porém, é perceber que este é um serviço contratado prioritariamente por famílias de renda elevada. A tabela abaixo mostra que cerca de 2/3 das famílias que se encontram entre as 10% mais ricas da população²⁰ contratam serviços de trabalho doméstico, independentemente do vínculo (formal/informal) ou da frequência (mensalista/diarista). Entre as famílias na base da distribuição, menos de 3% têm a possibilidade de despender recursos com este tipo de serviço. É possível notar uma relação diretamente proporcional entre existência de despesa com trabalho doméstico e renda familiar. Quanto mais no topo da distribuição de renda, maior a chance de a família contar com serviço doméstico. Este comportamento se repete em todas as regiões do país, sendo mais intenso no Sudeste (onde 73% das famílias no décimo mais rico contratam trabalho doméstico) e menos no Norte (onde esse valor alcança 57%). (BRASIL, INEP, 2012, P. 19)

A partir de entrevistas com trabalhadoras domésticas e patroas, observamos que as relações de trabalho no âmbito doméstico se organizam a partir de acordos entre as partes, com pouca referência na legislação. Ainda assim, à medida que as outras categorias profissionais vão conquistando direitos, parte das trabalhadoras também vão incorporando conquistas.

As patroas que eu tive foram boas, eu tive patroas generosas. Na época, não usava carteira assinada. A verdade é que, como doméstica, eu nunca tive uma carteira assinada. Eu já tinha assim alguns direitos. Eu tinha folga, eu recebia salário dobrado no Natal, eu recebia salários de aniversário. Eu só não tinha assim, fundo de garantia, mas eu sempre fui assim. (ONEIDA, entrevista à autora)

Oneida faz referência ao fato de que mesmo antes da lei que institui alguns direitos usufruía de alguns benefícios na prática.

De forma diferente Maria Augusta avalia o trabalho doméstico:

... acho que não compensa, não compensa trabalhar de doméstica com carteira assinada, porque você não tem hora de almoço, você tem hora de entrar, mas não tem hora de sair. E o fundo de garantia, e... seguro desemprego, isso você não tem, só décimo terceiro e férias, por isso eu acho

* Professora do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia. Doutora em História Social pela PUC-SP.

que não compensa. [...] Eu não quis assinar carteira pelo fato assim, porque os meus direitos que eu tenho com a carteira assinada eu tenho sem a carteira assinada, por exemplo, a única diferença é que ela vai descontar de mim o INPS, só o INPS, porque o resto: férias, 13º, eu tendo a carteira assinada, ou não tendo, ela me paga. (MARIA AUGUSTA, entrevista à autora).

Muitas trabalhadoras acreditam que carteira assinada não lhes traz nenhuma vantagem, ao contrário, traria um custo imediato, pois teria que descontar parte de seu salário para pagar a previdência. Para Maria Augusta, o contrato de trabalho doméstico é tão diferente que não justifica a assinatura na carteira, por que os poucos direitos independem da carteira assinada ou não. Maria Augusta estava convicta de sua posição, mesmo estando na época da entrevista grávida, desempregada, tendo sido despedida do emprego em função da gravidez, numa relação de trabalho sem carteira assinada.

Ainda que seja uma relação de trabalho instituída em lei, com direitos e deveres, os discursos sobre o trabalho doméstico, tanto da parte de trabalhadoras domésticas quanto das patroas, continuam carregados dessa dimensão pessoal, de uma idéia do trabalho como favor.

Porque quando eu morava em casa, a casa era grande e tudo, eu tinha duas, aliás, ainda tenho as mesmas duas, entendeu? Estão comigo há uns 10 anos já. Muito tempo. Então, quando eu mudei pra cá, apesar de ter menos serviço e tudo, eu conservei as duas porque, mais pra ajudar, sabe? Já está comigo há muito tempo, tem uma que trabalhava era em café e tudo, aí veio trabalhar comigo, ela é assim mais quietinha, se for arrumar outro emprego eu nem sei se arruma assim fácil, mas ela trabalha aqui pra mim mas trabalha mesmo só com limpeza. A outra fica por conta de lavar, passar e cozinhar. (pausa) De casa não, né?(CARMEN, entrevista à autora)

É uma marca muito importante das relações de trabalho no âmbito doméstico o apego, tanto da parte das trabalhadoras como das patroas, à uma dimensão pessoal da relação, sendo propalada a amizade entre as famílias trabalhadoras e empregadoras, e mais que isso, na própria idéia de que a doméstica é “quase da família”. Como é uma relação de trabalho, em que há desigualdade de classe, gênero, etnia, geração, mas com aparência de relação afetiva, são muitos os conflitos presentes nessa relação de trabalho, que muitas vezes comporta amizade, compadrio, proteção e muitas ambigüidades.

Nos aspectos pessoais e familiares, as partes envolvidas buscam garantir seus interesses.

Uma das minhas proposições neste texto é, entretanto, mostrar que para além destes contornos negativos, as relações *infra-políticas* entre patrões e empregadas – mesmo que não democráticas – ainda tornam essa atividade interessante para as trabalhadoras. Esta foi uma das minhas mais surpreendentes escutas durante meu trabalho de campo. As empregadas domésticas que pesquisei encontravam vantagens no serviço doméstico, que coincidiam justamente com as acusações que intelectuais e militantes feministas, estudando trabalho e gênero, denunciavam como elementos de subjugação - os pagamentos extra-salariais, as possibilidades de negociações das faltas, trocas que se davam no âmbito de relações personalistas e clientelistas.(BRITES, 2007: 283)

Assim como na pesquisa de Brites (2007), algumas trabalhadoras que entrevistei relataram vantagens de trabalhar como domésticas, por conciliarem melhor, diferentes atribuições que consideram importantes. Chegar mais tarde ao trabalho, sair mais cedo, ter uma jornada mais flexível, poder trabalhar fora, combinando com as tarefas de seu domicílio foram vantagens apontadas pelas trabalhadoras domésticas em relação a outros empregos. O salário também não se diferencia das outras profissões, uma vez que em Uberlândia e região os(as) trabalhadores(as) têm salários muito baixos.

O trabalho doméstico permaneceu durante o século XX como uma modalidade que emprega expressiva parcela da população feminina, mas que não encontra amparo na legislação, dependendo de negociações e acordos construídos no cotidiano, em cima da palavra firmada e das relações de confiança. Para algumas trabalhadoras, o trabalho doméstico significa imobilidade social:

É porque assim, você sempre vai ser a empregada doméstica. Você começa a marcar tempo de idade numa casa. Você sempre vai ser aquela doméstica mesmo. Nunca vai mudar de cargo na vida. Por exemplo, eu tive uma tia que ela começou a trabalhar novinha numa casa, até hoje, pergunta o que ela faz lá? A mesma coisa. Ajudou a criar os filhos, tudo da casa. Mas ela é sempre a doméstica, a que cozinha, a que arruma, sabe?A que trata dos outros empregados e da casa inteira. Então ela vai ser aquilo, sempre não é, né? Agora pro que ela está bem velha e sempre vai ser a doméstica da casa.

Eu acho que, por exemplo, cê vai trabalhar numa empresa, além daquilo que você faz, você pode aprender outras coisas, né? Você já pode ser, assim, desenvolvida, querer aprender ou até mesmo estudar para mudar, né? Agora, se cê trabalha de doméstica, cê perde a vontade de estudar pra mudar, né? Cê acha que assim, ah... eu vou ficar nessa vida mesmo, pra que fazer isso ou aquilo? Eu vou ficar, ficar nessa mesmo. Igual muitas aí que larga de estudar, não vai à escola. Então eu acho que deve estipular um horário para a pessoa trabalhar, estudar, querer melhorar, sabe, crescer. Eu acho isso. (Maria Augusta, entrevista à autora)

A continuidade na profissão, da mãe, tias, como trabalhadoras domésticas, lavadeiras, cozinheiras, nos leva a refletir sobre as dificuldades das famílias pobres de construir alternativas de trabalho mais valorizadas para seus filhos. Nesse sentido, o acesso e a qualidade da educação têm importância, na medida em que são nas famílias de menor poder aquisitivo que o estudo é substituído ou combinado com o trabalho desde a infância. Mesmo reconhecendo alterações nessa situação, nas experiências das trabalhadoras domésticas, o trabalho desde a infância está muito presente, e a dificuldade de fugir do “destino” é grande.

Há na fala de algumas trabalhadoras domésticas a percepção de uma mudança social ampla que coloca novas exigências para as trabalhadoras domésticas, em termos de novos aprendizados. Significa dizer que, em geral, os conhecimentos acumulados, que garantam a sobrevivência durante a maior parte de suas vidas, são colocados como insuficientes em função de mudanças que incluem novas tecnologias, nova organização da vida doméstica, novos valores, tornando-se assim importante a discussão sobre a formação para o trabalho doméstico.

Pudemos verificar, ao estudar o domicílio e a realização do trabalho doméstico (FERREIRA, 2006), que os modos de alimentar e os modos de cozinhar aparecem nas experiências das mulheres com destaque, articulando dimensões de suas memórias, e sua discussão contribui para fazer emergir lembranças e sentimentos sobre suas vidas: a infância, as festas, as crenças. As entrevistadas têm forte ligação com a cozinha e as práticas culinárias, pois são donas-de-casa, patroas ou trabalhadoras domésticas, que cozinham/cozinham ou orientavam/orientam sua realização quotidianamente.

A cozinha mineira tem sido objeto de diversos estudos, que buscam compreender a associação entre a cozinha e a construção da imagem do mineiro. Entre eles destacamos os da professora Mônica Chaves Abdala “Receita de mineiridade: a

* Professora do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia. Doutora em História Social pela PUC-SP.



cozinha e a construção do Mineiro” (1997) e sua tese de doutorado “Mesas de Minas: as famílias vão ao self-service”(2002).

A cozinha foi se constituindo historicamente como espaço feminino. Nas lembranças das entrevistadas as práticas culinárias aparecem como sendo aprendidas e compartilhadas por mulheres. Embora tenha havido modificações no processo de cozinhar, as mulheres não foram substituídas nem pela tecnologia, nem pelos alimentos prontos, nem pela presença de homens.

Há uma tendência de modificação nas relações de gênero na cozinha, segundo o estudo “Lugar de homem é na cozinha”(MIRANDA, 2003), na população de classe média e escolarização alta. A pesquisa, realizada em cinco capitais brasileiras, com pessoas das classes AB, organizadas em 15 grupos de discussão, sendo grupo de homens solteiros, grupos de homens casados com mulheres que trabalham no mínimo oito horas fora de casa, grupo de mulheres casadas que trabalham no mínimo 8 horas fora de casa. As conclusões da pesquisa são de que a sociedade está reconhecendo o novo papel que a mulher vem desempenhando no mercado de trabalho, o que tem propiciado uma redefinição na divisão do trabalho doméstico, de forma distinta nos locais estudados, em função de idade, cultura, personalidade, etc. Reconhece ainda, que persiste a dupla jornada de trabalho da mulher, mesmo que haja uma tendência da redivisão, em especial, na tarefa de cozinhar. A pesquisa identifica perfis emblemáticos do modo como homens e mulheres lidam com o trabalho doméstico, que são das mulheres: bandeirante, equilibrista, casulo. Homens: *single boys*, rebeldes, resistentes, submissos, modernos, rainhas do lar, *chefs de cuisine*. Desses perfis nos interessa mostrar que em Minas Gerais, predominou a mulher casulo e o homem rebelde, segundo a referida.

De acordo com o estudo, a mulher casulo está submetida a um arranjo doméstico e em alguns casos, a um casamento insatisfatório, que não consegue sair e nem transformar, sendo prisioneira de “sua falta de habilidade ou do entorno social que não lhe dá instrumentos para mudar as regras do jogo. Mais presentes em cidades com uma dose maior de conservadorismo, como Belo Horizonte e Fortaleza, praticamente não foi vista em São Paulo ou no Rio de Janeiro” No que se refere aos homens, prevaleceu o perfil tipificado como rebelde. O homem rebelde reconhece a necessidade

* Professora do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia. Doutora em História Social pela PUC-SP.

de contribuir com as tarefas domésticas, mas executará algumas do seu próprio jeito. Considera qualquer atividade doméstica desagradável e as executa por falta de opção. Na cozinha é prático e organizado. Só não aceita reclamações.

A conclusão é de que mesmo as mulheres tendo sucesso no mercado de trabalho, as relações de gênero na capital mineira pouco se modificaram. Partindo dessa premissa, ABDALA (2002) afirma que o sucesso do *self service* em algumas cidades de Minas Gerais, especialmente na capital e em Uberlândia, tem a ver com a busca desses arranjos conciliatórios. Como os homens não vão para a cozinha e as mulheres não querem a atribuição de continuar cozinhando, a solução “à mineira” é o *self service*

Nosso estudo não nos permitiu concluir pela alteração na divisão do trabalho doméstico, mas pela persistência da mulher como principal responsável pela cozinha, seja como orientadora do trabalho de outra mulher, seja executando pessoalmente, mesmo quando trabalha fora. Dona Conceição nos dá uma referência importante sobre esse assunto. Sendo participante de movimentos femininos, como a Associação de Diaristas, e membro do Conselho Municipal dos Direitos da Mulher de Uberlândia ela refere-se à exploração que a mulher está submetida em nossa sociedade. Ainda assim, em sua casa é ela a responsável, não só pela cozinha, mas por todo o trabalho doméstico.

Os homens aparecem na cozinha eventualmente e como auxiliares. Cozinham também por prazer, mas não como obrigação e contingência. É preciso reconhecer que alguns homens tem descoberto o prazer de cozinhar para amigos, fazer jantares para pessoas queridas, “às vezes ele gosta de fazer, mas também nem tem tempo, não tem nem tempo pra isso. Ele gosta de assar uma carninha, temperar a carne... Final de semana também a gente vai lá pra chácara, aí ele assa, tempera e assa uma carninha. Eu faço um arrozinho” (Carmem).

Cozinhar é uma das atividades domésticas mais exigentes, pois demanda organização, tempo, planejamento e dela dependem todos os residentes. Mas a cozinha combina o difícil com o prazeroso. Cozinhar é a atividade mais bem aceita entre as atividades domésticas. Se no dia-a-dia é necessário fazer refeições de fácil preparo, nos fins de semana e momentos especiais o cozinhar ganha destaque e a dona-de-casa mostra o melhor de seu repertório. Nesse sentido o lazer e a comida estão bastante

* Professora do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia. Doutora em História Social pela PUC-SP.

associados. “... ainda hoje o lazer feminino mescla-se com o trabalho doméstico... A cozinha em muito colabora para esta simbiose, uma vez que a mulher prepara para a família e/ou amigos, segundo hábitos e padrões que a mulher produz, preserva e transmite.(DEMETERCO, 2003)

A imbricação entre trabalho doméstico e lazer feminino está presente no relato das mulheres entrevistadas. A comida é pretexto para a reunião familiar e com amigos, e a reunião é pretexto para comer os pratos preferidos, elaborados pelas donas-de-casa e/ou cozinheiras.

“A gente tá sempre assim, confraternizando com almoço”, afirma Dona Conceição. No domingo, a sua casa está cheia: filhos, netos e noras presentes para saborear a comida que ela prepara para todo o grupo familiar. Esse cozinhar para todos é um costume antigo que permanece atualmente, mas não da mesma maneira. A confraternização se organiza no saber-fazer da dona-de-casa, como nos contou Dona Conceição sobre a recente comemoração dos sessenta anos de seu esposo: “fiz um bolo, fiz uma torta, fritei uns quibe”, tem um caráter mais individual. Deixa de ser conhecimentos de mulheres para ser de poucas, as mais velhas, guardiãs da tradição, muitas vezes sem ter para quem transmitir, nem com quem compartilhar. Dona Francisca conta que quando tinha festas todos ajudavam. Dona Conceição conta que quando jovem, aos domingos, ela e a irmã faziam todo trabalho doméstico para que a mãe descansasse. Em sua experiência, no entanto, todos se reúnem, mas apenas ela trabalha.

Esse modo de organizar a confraternização familiar fundada no saber da dona-de-casa é uma maneira das classes populares se divertirem “*Aí você não sai pra comer fora. Você fica preocupada, a gente que tá acostumada a ser dona de casa... E às vezes eu não como macarrão lá no Barolo... eu acho caríssimo. Gente um pacote de macarrão custa um real e pouquinho, extrato também é barato*” (Valéria). A preferência por comer em casa está ligada não só à questão de ter ou não o dinheiro, mas de um senso de economia, do quanto valem os alimentos. Contrapõe-se à visão “moderna” de como tem que ser o divertimento: livre do trabalho doméstico.

Embora ainda centralizado no saber culinário da dona de casa, cresce a presença masculina na cozinha em momentos de lazer. Entre as entrevistadas apenas Carmem se referiu à presença do marido no churrasco de domingo. Mas sabemos que



homens de renda média e escolarização alta têm, aos poucos, adentrado à cozinha e elaborado seus pratos, como *hobby*, descontração, criando, inclusive, um mercado específico para *eles*.

A cozinha foi e continua sendo a tarefa doméstica mais exigente e também a mais prazerosa na visão das entrevistadas. Eletrificação, urbanização e eletrodomésticos alteraram significativamente a cozinha. A alimentação diversificou, incluiu novos pratos. No dia-a-dia, entretanto, a comida dos antigos, continua sendo muito defendida pelos mais velhos e contestada pelos mais jovens. Na cozinha, vimos que os homens entram, mas, por enquanto, não ficam: querem ser *chefs*, cozinhar por prazer, quando o fazem, no fim de semana, com ingredientes especiais e sujando muita louça. A tarefa diária de planejar as refeições e prepará-las continua, em geral, com as mulheres.

Cozinhar continua sendo tarefa complexa, que envolve uma série de atividades. Se no passado tinha que plantar, colher, pilar o arroz, torrar e moer o café, cozinhar para “peões”, fazer a merenda e levar nas plantações, atualmente é necessário planejar as refeições, fazer as compras, cozinhar, colocar à mesa e retirar, lavar a louça, limpar a cozinha e os equipamentos, limpar a cozinha, entre outras. Essas tarefas são variadas de acordo com costumes, classe social, escolarização.

Consideramos importante reconhecer essa atividade como trabalho, que pode ser prazeroso, mas que no dia-a-dia é contingência, exige esforço e criatividade. Assim podemos repensar o estereótipo da monotonia, repetição e incapacidade da dona-de-casa e da trabalhadora doméstica.

[...] desde que alguém se interessa pela arte culinária, pode constatar que ela exige uma memória múltipla: memória de aprendizagem, memória de gestos vistos, das consistências... Exige também uma inteligência programadora: é preciso calcular com perícia o tempo de preparação e de cozimento... A receptividade sensorial também intervém: mais que o tempo teórico de cozimento indicado na receita, o que informa sobre a evolução do cozimento e sobre a necessidade de aumentar ou diminuir o calor é o cheiro que vem do forno. Aqui também entra a engenhosidade que cria artifícios: como aproveitar os restos para dar a impressão de que se trata de um prato completamente diferente? Cada refeição exige a capacidade inventiva de uma mini estratégia para fazer mudança, por exemplo, quando falta um ingrediente ou não se dispõe de um utensílio próprio para uma determinada receita. (GIARD, 1994)

No desenvolver do estudo observou-se que o trabalho doméstico continua sendo essencialmente feminino. Se por um lado houve uma maior presença das mulheres em ocupações e espaços considerados historicamente masculinos, por outro lado, não houve

* Professora do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia. Doutora em História Social pela PUC-SP.

no domicílio uma proporcional divisão do trabalho doméstico entre homens e mulheres. Nas classes médias e altas o trabalho doméstico é terceirizado para as trabalhadoras domésticas. Assim o emprego doméstico manteve-se como um dos principais campos de emprego de mulheres pobres, sendo a maior ocupação das mulheres no Brasil.

A realização do trabalho doméstico é mais complexa que possa parecer, envolvendo não apenas o trabalho em si, mas habilidade para adequar-se às condições do domicílio, aprendizagens e saberes aprendidos ao longo da vida, nas vivências familiares e no trabalho, passadas de geração a geração, e também conhecimentos que podem ser aprendidos em cursos de formação. As transformações no trabalho doméstico contribuíram para alterar identidades de mulheres que a ele se dedicaram. No caso das donas-de-casa, as mudanças sociais levaram a uma desvalorização desse trabalho, desconsiderando que foi a essa atividade que a maioria das mulheres dedicou grande parte de suas vidas.

Por meio deste estudo buscamos problematizar e tornar visíveis as experiências dessas mulheres que exerceram/exercem atividades fundamentais para a manutenção da sociedade em que vivemos mas que são desvalorizadas e desconsideradas pelas pessoas que usam de seu trabalho em larga escala. Reconhecer o trabalho doméstico como trabalho, árduo, pesado, cansativo, como campo de emprego importante de emprego das mulheres do Brasil, é passo importante para compreender o significado e saberes presentes nessa atividade e para a organização da justa luta pela sua distribuição do trabalho doméstico entre homens e mulheres e diferentes gerações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDALA, Mônica Chaves. **Receita de mineiridade:** a cozinha e a construção do Mineiro. Uberlândia: Edufu: 1997.

ABDALA, Mônica Chaves. **Mesas de Minas:** as famílias vão ao self-service. São Paulo: Programa de Pós Graduação em Sociologia da USP, 2002 (Tese de Doutorado).

AZEREDO, Sandra Maria da Mata. Relações entre empregadas e patroas: reflexões sobre o feminismo em países multirraciais.

* Professora do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia. Doutora em História Social pela PUC-SP.



COSTA, Albertina de Oliveira e BRUSCHINI, Cristina. *Rebeldia e Submissão*. Rio de Janeiro/ Petrópolis: Vozes/Vórtice, 1984.

BRITES, Jurema. Serviço doméstico, desigualdade, gênero e cidadania. In: WOLF, C. S., DE FAVERI, M., RAMOS, T.R DE O. *Leituras em rede: gênero e preconceito*. Florianópolis: Editora das Mulheres, 2007.

DEMTERCO, Solange Menezes da Silva. **Sabor e saber: livros de cozinha, arte culinária e hábitos alimentares**. Curitiba, 1902-1950. Programa de Pós-Graduação em História (Doutorado em História), Universidade Federal do Paraná, 2003.

FERREIRA, Jorgetânia da Silva. **Do silêncio ao preconceito: a (des)caracterização do emprego doméstico no pensamento acadêmico**. *Revista História e Perspectivas*, n. 23, jan.-dez 2000, Uberlândia.

_____. **Trabalho em Domicílio: cotidiano de trabalhadoras domésticas e donas-decasa no Triângulo Mineiro (1950-2005)**. São Paulo: PUC-SP, 2006. (Mestrado em História). KOFES, Suely. *Mulher, mulheres: diferenças e identidades nas armadilhas da igualdade e da diferença entre patroas e empregadas*. Campinas-SP: Ed. Unicamp, 2001.

GIARD, Luce. *Cozinhar*. In: CERTEAU, M. e outros. **A Invenção do cotidiano**. Tradução de Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. 5 ed., Petrópolis: Vozes, 1994.

GRAHAM, Sandra Lauderdale. **Proteção e obediência: criadas e seus patrões no Rio de Janeiro, 1860-1910**. Tradução Viviane Bosi. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

MAGALHÃES, Acelí de Assis. **História de Mulheres: considerações sobre a privação e a privacidade na história das mulheres**. São Paulo: Altana, 2001.

MIRANDA, Ana Lúcia. **Lugar de homem é na cozinha**. São Paulo: Propeg, 2003.

BRASIL (2012) . INEP. PINHEIRO, L. & GONZALEZ, R. & FONTOURA, N. **Expansão dos direitos das trabalhadoras domésticas no Brasil**. Nota técnica n. 20830. Brasília.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Emprego doméstico e capitalismo**. Petrópolis, Vozes: 1978.

* Professora do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia. Doutora em História Social pela PUC-SP.



SAMARA, Eni de Mesquita, SOIHET, Rachel, MATOS, Maria Izilda S. de. **Gênero em debate**: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea. São Paulo: Educ, 1997

SCOTT, Joan W. A invisibilidade da experiência. **Projeto História**, São Paulo, n. 16, p. 297-325, fev. 1998

THOMPSON, E. P. **A Miséria da Teoria ou um planetário de erros**: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.